

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Respeitem Brasília 2

No fatídico 8 de janeiro, Brasília foi alvo da apoteose da boçalidade, com a invasão e depredação de uma cidade tombada como patrimônio da humanidade. Os vândalos que atacaram a cidade são a anti-Brasília e o anti-Brasil.

A cidade virou uma metrópole e continua na mira da incompreensão. A maioria dos forasteiros não entende que Brasília não é ilha da fantasia; é profundamente Brasil, nas grandezas e nas misérias. Ela foi criada por artistas ou por políticos com alma de artistas. Por isso, tomo a liberdade de evocar vislumbres de brasileiros ilustres que miraram Brasília com um outro olhar, mais generoso e distante dos estereótipos.

"Chamo a atenção para esse fato singular: Brasília é a única cidade neste mundo novo em que a vida cotidiana, tanto doméstica quanto o burocrática e comercial, se processa no meio da beleza, como na Itália. Só nas cidades italianas do Renascimento, você sente na vida cotidiana que a beleza faz parte de todo dia".
Lucio Costa

"Procurei formas novas, que surpreendessem pela sua leveza e liberdade de criação. Formas que não se apoiassem no chão, rígidas e estáticas, como uma imposição da técnica, mas que mantivessem os palácios como que suspensos, leves e brancos, nas noites sem fim do Planalto."
Oscar Niemeyer

"Os dois criadores de Brasília fizeram prédios com espaço para nuvens. Eu sei o que os dois quiseram: a lentidão e o silêncio, que também é a ideia que faço da eternidade. Os dois criaram o retrato de uma cidade eterna. - Há alguma coisa aqui que me dá medo. Quando eu descobrir o que me assusta, saberei também o que amo aqui."
Clarice Lispector

"Brasília copia alguma coisa? É parecida com alguma coisa? Não. Brasília é cânone que está inspirando as cidades e as casas que se fazem pelo mundo. E isso é o que eu queria, que se tivesse vivo o sentimento dessa coisa extraordinária. Somos isso. Nós, o povo mestiço, o povo tropical, o povo sofrido. Nós, quando nos é dada oportunidade, realizamos o humanos no nível mais alto que o humano pode ser."
Darcy Ribeiro

"Apesar das propostas de Léger e de Mondrian de integrar o trabalho dos artistas plásticos na arquitetura moderna, isso só aconteceu com abrangência pelas mãos de Athos Bulcão. Ele é o exemplo mais característico no mundo inteiro. E isso se deve muito à sua ligação com Oscar Niemeyer, principalmente em Brasília".
Lelé Filgueiras

"Sou dos que acreditam de modo, posso dizer, absoluto, em que a interiorização da capital é uma necessidade brasileira. Será um meio de tornar o Brasil um todo mais dinamicamente inter-regional e, por conseguinte, um todo verdadeiramente nacional. Brasília representa um triunfo brasileiro grande demais para que seus erros sejam considerados à revelia de suas virtudes".
Gilberto Freyre

"É boa para os olhos. Nas outras cidades grandes, onde não devia haver nada, há um monturo de edificações: em Brasília, onde não deve haver nada, não há nada. Descansa os olhos. Possui as riquezas elementares que foram mutiladas em outras cidades: céu cor de céu, vegetal de verdade, água tranquilizante."
Paulo Mendes Campos

"Di Cavalcanti deu à multa brasileira a dignidade da madona renascentista, madonizou a nossa mulata".
Frederico Morais

"Até o paralelepípedo mais analfabeto haveria de chorar lágrimas de esguicho ante a beleza de Brasília".
Nelson Rodrigues

"O Brasil não tem vocação para a mediocridade."
Lucio Costa

» Entrevista | **IZALCI LUCAS** | SENADOR (PSDB-DF)

Ao CB.Poder, o parlamentar falou sobre as articulações da bancada do DF para impedir a aprovação da emenda que muda o cálculo dos repasses da União para a capital federal, reduzindo os recursos de áreas prioritárias

Vocação para ser a capital

» ANA LUIZA MORAES* CARLOS SILVA*

A possibilidade de mudanças no Fundo Constitucional do DF foi um dos temas abordados pelo CB.Poder — parceria entre **Correio** *e TV Brasília —, que recebeu o senador Izalci Lucas (PSDB). Na entrevista ao jornalista Roberto Fonseca, Izalci disse que a bancada tem três frentes para tentar manter as regras atuais dos repasses da União para o DF. Primeiro, retirar no Senado a emenda do relator Cláudio Cajado (PP-BA), segundo garantir que a Câmara dos Deputados aprove essa retirada e, por fim, aprovar o texto como está e garantir o compromisso do governo Federal de vetar. O parlamentar também comentou a declaração do ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, de que Brasília é uma "ilha da fantasia" e sobre a CPMI que investiga os atos antidemocráticos.*

Ed Alves/CB/DA.Press



Estamos vivendo uma intensa discussão no Congresso sobre a manutenção do Fundo Constitucional do DF da forma que ele existe. O senhor participou de uma reunião no Palácio do Planalto com o presidente Lula e demais líderes partidários. Como foi esse encontro?

O presidente (Lula) convocou todos os líderes da base. Eu fui convidado, mas abri a reunião dizendo que estava ali por dois motivos. O primeiro é a questão da recomposição da segurança pública. O segundo ponto era o Fundo Constitucional. Não dá para aceitar uma emenda na calada da noite. O relator colocou uma emenda, e não deu nem tempo de discutir. O presidente não sabia e, imediatamente, se posicionou no sentido de que não estava no Arcabouço (fiscal), portanto não teria nenhuma dificuldade de retirar do texto. Já tinha vários líderes manifestando o seu apoio, porque Brasília foi o diferencial para o Brasil. A nossa vocação é ser a capital da República. E desde a fundação, quem banca as despesas da capital é a União. O Fundo Constitucional, formado em 2002, apenas formalizou uma prática que já existia. Então, o presidente deu essa determinação e sinalizou que não teria nenhuma dificuldade. Mas nós temos um desafio: a primeira opção, evidentemente, é retirar o texto. Mas, nós temos que ter a garantia que a Câmara vai manter o texto do Senado com a retirada. Se tivermos essa garantia, tudo bem. Se não, nós temos que fazer o que já fizemos há 10 dias: fizemos um acordo no sentido de aprovar essa medida provisória com o compromisso do governo vetar e manter o veto.

> **Não dá para aceitar uma emenda na calada da noite. O relator colocou uma emenda, e não deu nem tempo de discutir"**

> **O presidente (Lula) não sabia e, imediatamente, se posicionou no sentido de que não estava no Arcabouço (fiscal), portanto não teria nenhuma dificuldade de retirar do textos"**

> **Depois entrou na questão da "ilha da fantasia". Demonstra também que ele não conhece Brasília"**

Como repercutiu no Congresso a declaração do ministro da Casa Civil Rui Costa de que Brasília é uma "ilha da fantasia"?

Tivemos o apoio de vários senadores. Tive de manhã na inauguração do Túnel de Taguatinga e vimos que a população está acompanhando, cobrando esse posicionamento. Foi uma fala muito infeliz, porque todos sabem da importância de Brasília para o Brasil. Se houve a consolidação do país e o desenvolvimento do Centro-Oeste e do Norte, isso se deve, evidentemente, à capital. Então, nesse assunto específico é indiscutível. Quando ele fala de manter a capital do Rio de Janeiro ou São Paulo ou a própria Bahia, é realmente um erro gravíssimo e desconhecimento da importância da capital. Depois ele disse que foi mal interpretado, mas de fato ele cometeu um erro muito grande. E depois entrou na questão da "ilha da fantasia". Demonstra também que ele não conhece Brasília. Ele não conhece que aqui do lado, a 10km, nós temos Santa Luzia, Estrutural, Pôr do sol e Sol Nascente. São regiões carentes, nas quais falta total infraestrutura. Planaltina também tem vários bairros. Então, ele desconhece. Poderia aproveitar um final de semana ou o dia que ele chegar e conhecer realmente a periferia. Passar na região carente para ele ver realmente que Brasília tem vários problemas que precisam ser resolvidos. Acho que, com isso, ele vai conhecer um pouco melhor e dar razão à toda indignação manifestada na fala dos senadores e também da população.

Nunca um presidente teve tantas CPIs no início de mandato quanto o presidente Lula vai enfrentar no Congresso. Uma dessas é uma mista, que vai investigar os atos antidemocráticos que culminaram no oito de janeiro. O senhor é o primeiro suplente e vai ter uma participação na comissão. Como o senhor avalia que vai ser essa investigação?

É evidente que o governo tentou postergar de todas as formas e acreditava que não teria as assinaturas necessárias. Tudo que ele pensou deu errado, porque deu certo. Tivemos mais assinaturas que o suficiente. Depois houve uma postergação da instauração e agora foi instaurada. Hoje, inclusive, o plano de trabalho foi apresentado e amanhã haverá também reuniões para aprovação de requerimentos. São mais de 700 requerimentos.

O início do trabalho deve ser com o depoimento do ex-ministro da Justiça Anderson Torres?

Também. Ele tem vários requerimentos de convocação. Assim como tem também, evidentemente, o ministro (da Justiça) Flávio Dino. Quando eu estava lá, há pouco, disse: "Olha, o que precisamos é apurar a verdade". Ninguém tem que passar a mão na cabeça de ninguém, seja de esquerda, direita, centro, etc. O que não podemos ter é uma condenação coletiva. Acho que cada um tem que responder pelos seus atos, mas também pelas omissões. O que percebemos, diante dos documentos que já temos, é que tudo isso poderia ter sido evitado se o governo Federal tivesse agido em cima das informações que ele tinha na sexta-feira. A Agência Brasileira de Inteligência (Abin) já tinha informado, a Polícia Federal, aqui mesmo a Secretaria de Segurança, etc. Todos os relatórios já indicavam que, no domingo, haveria realmente ataque aos prédios e toda uma mobilização violenta.

Mas também não houve uma garantia das forças de segurança do DF que estava tudo sob controle?

Houve erro também do DF, mas o Batalhão da Guarda Presidencial (BGP) que poderia ter sido acionado, porque eles mantêm plantão no Palácio (do Planalto). Tem lá quase 2 mil policiais. Eles poderiam ter sido convocados se, em qualquer momento, tivessem agido em função das informações que tinham. Não só o BGP, mas a própria Abin, na sexta-feira, informou para mais de 38 órgãos. O mais grave foi hoje colocado pelo senador Esperidião Amin (PP), que participa de uma comissão do Senado que tem acesso a todas as questões sigilosas. Ele solicitou uma informação no dia 20 de janeiro ao GSI sobre a questão do relatório e, por incrível que pareça, ele recebeu com muitas informações que foram sonegadas, retiradas do texto. E isso foi colocado já no plenário e na CPI. Vamos demonstrar a verdade. Eu, particularmente, não aceito que o DF seja culpado por tudo isso. Não foi. Teve várias omissões, que poderiam ter evitado isso. Essa é a proposta da CPMI. Nós queremos e temos que ter acesso aos documentos sigilosos, inclusive do Supremo (Tribunal Federal). Não adianta fazer uma CPI sem informação e acesso à documentação, inclusive dos documentos sigilosos. Por isso é que temos a sala sigilosa, a que os parlamentares têm acesso. Se tivermos que fazer uma reunião secreta, que façamos, mas jamais não ter acesso às informações. Isso é o que nós estamos questionando agora. A relatora já apresentou diversos requerimentos. Grande parte dos quais já havia solicitado. Eu apresentei, mas não foi aceito, a criação de duas subcomissões, porque são tantas pessoas convocadas, que, evidentemente, fazendo uma reunião por semana, vamos levar dois anos para apurar tudo.

***Estagiários sob a supervisão de Márcia Machado**